

tão longe  
um amor dourado  
ana castro



**PLAYLIST**

*Cruel Summer* — Taylor Swift  
*This Love* — Camila Cabello  
*Fallin' All in You* — Shawn Mendes  
*Boys Don't Cry* — Mikolas  
*Yes or No* — Jeon Jungkook  
*The Way I Loved You* — Taylor Swift  
*Getaway Car* — Taylor Swift  
*Capital Letters* — Hailee Steinfeld  
*Blank Space* — Taylor Swift  
*Let Me Love You* — Mario  
*Winter Blossom* — Dept feat. Ashley Alisha  
*Talk Me Down* — Troye Sivan  
*Those Eyes* — New West  
*Angel Baby* — Troye Sivan



CAPÍTULO 1

## ALICE

O impacto da chegada ao aeroporto foi assustador. Toda a confusão de pessoas, barulho e demasiado movimento fizeram-me perceber que afinal não seria tão simples estar num país do outro lado do mundo.

Seria só uma temporada. Fazer algumas aulas, obter equivalências e depois candidatar-me à Yale. O plano estava definido desde o início e eu não podia fraquejar. Levaria tudo até ao fim.

Espero encontrar o meu pai entre a multidão e dou por mim desesperada. Só queria encontrar o rosto do meu pai.

Todos pareciam tão diferentes de mim, e eu sabia que corria um risco muito grande de ser colocada de lado na universidade. Contudo, se a minha ideia era ir para Yale, teria de aguentar tudo. Falar inglês e português não basta se realmente quiser ser tradutora. Se pelo menos souber falar coreano e mandarim, já será ótimo para o currículo. Juntando o útil ao agradável, consigo passar tempo com o meu pai.

Estico mais o pescoço e perco-me nos rostos desconhecidos à minha frente, até finalmente perceber que o meu pai estava ali, entre todas as pessoas que esperavam receber os passageiros recém-chegados. Dou um suspiro de alívio e levanto a minha mão o mais alto que consigo.

— Pai!

Ele olha na minha direção, reconhecendo a minha voz, e finalmente caminha apressado até mim. Quando chega, abraça-me com força e eu retribuo, envolvendo-o nos meus braços.

— Filha — dá um suspiro pesado —, senti tanto a tua falta.

— Eu também, pai. — Fungo, deixando escapar uma lágrima. — Eu também.

Quando os meus pais se separaram, eu passava muito mais tempo com o meu pai do que com a minha mãe.

O caos dela acabava sempre por passar para mim, e eu entrava em crises de ansiedade incontrolláveis. Era apenas uma miúda de 14 anos a

achar que iria morrer, porque a minha garganta simplesmente fechava e virava um nó.

O meu pai tentava passar o máximo de tempo possível comigo e evitava que eu ficasse muito tempo debaixo do mesmo teto que a minha mãe. Contudo, nunca achou que seria boa ideia ficar com a minha guarda, por saber que eu precisaria muito mais de um lado materno para me explicar tudo aquilo que nem ele sabia muito bem.

Enfim, esses temas sempre deixaram o meu pai desconfortável e ele dizia repetidamente: «Eu simplesmente não consigo imaginar a minha menina tornar-se numa mulher. Para mim, será sempre uma criança.»

Depois de ele conhecer a atual esposa, Harin, mudaram-se para Seul. Por ser o país dela e ter um filho bastante problemático, ela não podia ficar em Sintra por muito mais tempo. Eu compreendi, não senti como se ela me fosse tirar o meu pai.

Harin era a figura materna que eu idealizava. Alguém que se preocupava com os dois filhos, ligava constantemente e ia visitá-los todos os meses — imagino que isso não fosse barato.

No caminho para casa, o meu pai ia-me alertando para as coisas mais importantes acerca de Seul. Assim, teria a certeza de que eu podia desenrascar-me quando estivesse sozinha.

— No início, vai parecer muito difícil de compreender, mas, sem que te apercebas, daqui a uns tempos já estarás familiarizada até com a língua. — O meu pai mantinha um certo entusiasmo no seu tom de voz. — Nem acredito que a minha filha está aqui comigo! — Coloca a mão dele sobre a minha, enquanto mantém os olhos atentos à estrada.

— Combinei com a Harin que nos primeiros dias iríamos sair juntas. Mas como tenho de organizar as coisas, o melhor será só sair amanhã.

— Sim, ela está ansiosa por te mostrar um pouco de tudo. Seul é muito grande e tu estás habituada a uma cidade mais pequena. Podes assustar-te, no início. — Ao ouvi-lo falar, relembro a sensação medonha que senti quando pus os pés no aeroporto. — Ela vai acompanhar-te, nos primeiros dias, só para estarmos descansados e termos a certeza de que te consegues virar sozinha.

— Obrigada. — Sorrio-lhe e dou graças por finalmente estar ao lado do meu pai depois de quase dois anos.

...

Harin recebeu-me com o entusiasmo que eu já previa. Tinha saudades do riso dela. Ela tornou-se numa segunda mãe para mim. Chamar-lhe madrasta parecia não encaixar bem nela, já que a sua personalidade era tão leve e doce. Apesar de já estar na casa dos 50, tanto ela como o meu pai ainda tinham uma alma muito jovem e, fisicamente, Harin estava muito bem conservada. Talvez por conta dos seus traços asiáticos.

— Anda, vou apresentar-te a casa. Ela é tua também, por isso não quero que te sintas desconfortável, mesmo com a presença dos meus filhos. — Pausa. — Eles, agora, são teus irmãos também, por isso, sente-te confortável.

*Irmãos...* Sou filha única e é estranho pensar que tenho dois irmãos.

Harin já tinha dois filhos do seu primeiro casamento. O meu pai contou-me que o ex-marido era muito violento e batia-lhes quando chegava a casa alcoolizado. Lembro-me de que na altura fiquei chocada com toda a informação.

Tentar imaginar um pai a agredir física e psicologicamente a própria esposa e os filhos indefesos deixava-me perturbada. É uma imagem que espero nunca ter nas minhas memórias.

Alguns anos mais tarde, ela deixou o marido e fugiu com os filhos para casa dos pais. Ele acabou por ser preso por violência doméstica e por ofensas à integridade física e emocional de pessoas da vizinhança.

Depois de o divórcio estar oficializado, Harin viajou para Portugal, em busca de trabalho e de novas experiências, já que vivera prisioneira do ex-marido por anos. Os filhos ficaram ao cuidado dos avós maternos, pelo menos até o mais velho começar a dar demasiados problemas para dois idosos conseguirem lidar.

Conheceu o meu pai e, depois de alguns anos juntos, decidiram casar pelo civil, numa cerimónia rápida e simples. Mudaram-se para a Coreia do Sul e compraram uma casa. Inicialmente, optaram por abrir apenas um restaurante de pratos mediterrâneos e, mais tarde, quando as coisas começaram a correr bem, conseguiram inaugurar mais três restaurantes em pontos diferentes de Seul. Podia-se dizer que agora viviam bem.

O meu pai dizia-me, frequentemente, durante as nossas longas chamadas telefónicas, que às vezes não acreditava na volta tão grande e tão abençoada que a vida deles dera.

Viviam numa residência particular, com jardim e bastante arvoredo, como sempre haviam sonhado. A casa tinha dois andares e os cómodos eram bastante espaçosos e amplos. No jardim, havia uma esplanada e uma churrasqueira, onde era possível fazer refeições. Toda a decoração da residência era

elegante e, ao mesmo tempo, rústica. Fora inteiramente planeada pelos olhos criativos de Harin.

— Eu nunca pensei que fosse tão grande e tão bonita ao vivo. — Elogio a casa e Harin sorri, empolgada, juntando as mãos.

— Vamos à melhor parte. O teu quarto!

Depois de rodar a maçaneta da porta, faz um gesto para que eu avance à sua frente.

— Harin, é tão bonito!

— Este quarto sempre esteve à tua espera, desde o dia em que comprámos esta casa. Espero que gostes.

A decoração estava totalmente a minha cara. Um conjunto de tons neutros, nada de exagerado, um espaço para estudar e uma poltrona para ler. A cama era espaçosa e todo o quarto tinha muita luz natural, pois a janela era comprida e larga e dava acesso a uma varanda.

Tinha uma estante para colocar os meus livros e um tapete branco felpudo aos pés da cama.

— Obrigada. Adorei.

— O teu pai já vai trazer as tuas coisas para cima e podes organizar o quarto à tua maneira. Ele é teu, por isso faz o que quiseres.

Assinto e ouço a porta atrás de mim bater devagar.

Rodopio no piso de soalho e, com os braços abertos, atiro-me de costas para a cama. O tecido do edredão era macio e o colchão parecia que se moldava ao meu corpo. Pego, entretanto, no telemóvel para avisar a minha mãe de que já tinha chegado e estava em segurança.

Depois de finalmente ter colocado todas as roupas, livros e outros objetos nos respetivos lugares, sinto que agora, sim, está tudo pronto para começar a nova fase da minha vida.

Harin chamou-me para jantar há cerca de dois minutos. Os filhos dela, provavelmente, já chegaram das aulas, mas eu estava tão empenhada em colocar logo tudo no sítio que nem dei conta.

Pensar que estava prestes a conhecer os filhos de Harin deixava-me um tanto apreensiva.

Nunca me foram apresentados, só vi fotografias e sei que um deles é alguém com quem é difícil lidar. Não consigo contar pelos dedos das mãos as vezes em que o meu pai desabafou comigo, sobre o quão chateado ficava com os problemas que o filho mais velho da esposa arranjava na escola e em como ela já não sabia o que fazer com ele.

E se ele for mau comigo também? Se me tratar mal? Será violento como o pai?

Abano a cabeça para afastar os pensamentos negativos e, depois de um suspiro profundo, avanço pelas escadas abaixo.

À medida que caminho, com os punhos das mãos fechados devido à ansiedade e receio, ouço vozes masculinas vindas da sala de jantar.

Todos falavam coreano, até mesmo o meu pai. E eu não entendia patavina daquilo.

— Boa noite... — digo, quase num sussurro, e apenas encaro os meus pés descalços no chão.

— Meninos, cumprimentem a vossa irmã, Alice, e cuidem bem dela — anuncia o meu pai, num tom alegre.

— Olá — disse aquele que parecia ser o mais novo, fazendo uma mesura, enquanto sorria docemente.

Percebi logo que seria o Jaein, pelo seu sorriso doce e jeito gentil, como o da mãe. Olho para o outro irmão que age com indiferença, olhando ora em volta, ora para o teto, fazendo um biquinho com os lábios. Observo o braço tatuado e o *piercing* que traz no canto do lábio.

*Então, este é que é o famoso Jaewon.*

A decorative graphic consisting of three musical notes of varying sizes and positions, arranged in a cluster. The notes are black and white, with stems and flags. One note is larger and positioned higher than the others.

## CAPÍTULO 2

### JAEWON

**Q**uando ouvia falar na filha do Diogo, não imaginava o tipo de rapariga que era. Provavelmente, alguém comum. Contudo, agora, ao olhar para ela aqui espedada à entrada da sala, apercebo-me de que provavelmente é uma das miúdas mais bonitas que conheci até hoje.

Alice tem um rosto oval e olhos grandes. Não sei dizer se os olhos são castanhos, verdes ou ambos.

Percebo os olhares de esguelha que me dirige. Rapidamente, desvia a sua atenção quando os nossos olhos parecem prestes a encontrar-se.

— Jaewon, cumprimenta a tua irmã — ordena a minha mãe, num tom neutro e claro.

— Tsc... — Reviro os olhos em descrença.

Irmã? Só podem estar a brincar. — Eu só tenho um irmão e por acaso é coreano, não é português.

A mais velha inspirou o ar e voltou a soltá-lo pelas narinas. Parecia ter fumo a sair delas, ao invés de ar.

— Jaewon... — começou Diogo por dizer. — Nós só queremos fazer a Alice sentir-se verdadeiramente em casa e...

— Pai, está tudo bem — interrompe Alice, encarando-me, com um sorriso claramente forçado. — Faz sentido o que o Jaewon está a dizer. Nós não somos realmente irmãos. Está tudo bem, eu entendo o ponto de vista.

Porque é que a calma que ela transborda em cada palavra me faz sentir mais irritado?

— Tudo bem. Então, e se for assim...? A Alice é minha filha e eu sou casado com a vossa mãe, por isso, peço que a tratem como uma irmã.

Por fim, cruzo os braços e assinto. Não pretendo ficar nesta conversa a noite toda.

A Alice parecia alguém bastante sossegado ou então estava desconfortável. Comia devagar e mal tirava os olhos do prato.

— Já acabei. Vou sair.

— Já?! Filho, porque não ficas e tocas alguma coisa para nós? A Alice também gosta de música.

Olho para a recém-chegada que mantém os lábios pressionados e as maçãs do rosto acerejadas. Ela não diz nada. Apenas continua a olhar para o prato, como se fosse a única coisa que ali existisse.

*Céus, ela realmente é bonita.*

## ALICE

Jaewon demora meros segundos a responder à mãe e eu sinto os seus olhos sobre mim. Num breve impulso de coragem, consigo abrir a boca para tentar falar com ele.

— Sabes tocar alguma coisa? — Tento mostrar algum entusiasmo na minha voz.

— Algumas coisas. Mas, desculpem-me, porque não vou ficar aqui, já tenho coisas combinadas — anuncia o Jaewon, antes de virar as costas.

Harin coloca a sua mão sobre a minha, pousada na mesa.

— Desculpa alguma coisa, querida. O Jaewon é complicado, mas no fundo é bom rapaz.

*Imagino que sim...*

Aceitei ir com o Jaein fazer uma caminhada pelos arredores do bairro e acabámos sentados num dos bancos de um parque infantil. Ele explicava-me como funcionavam um monte de coisas, desde autocarros até às aulas na universidade.

— Não te preocupes, porque não vais ficar sozinha. Eu vou lá estar e o Jaewon também. Apesar de ele já estar no último ano, ainda passa algum tempo por lá.

— Acho que não posso propriamente contar com o teu irmão, caso venha a precisar de ajuda. — Solto uma gargalhada nervosa.

Jaein inspira o ar frio da noite e ergue o rosto em direção ao céu.

— O *hyung* sofreu mais do que eu no passado. A minha sorte é não ter as memórias tão claras, já que eu era muito pequeno. Tenta entendê-lo, por favor. Eu sei que ele pode ser muito difícil e parecer uma pessoa fria, no entanto quem o conhecer realmente vai saber como o seu coração é bom. Ele só não quer mostrar.

Provavelmente, ele só diz isto porque o Jaewon é seu irmão e calculo que admitir que se tem um irmão patife não deve ser fácil. Mesmo assim, ainda sinto pena quando tento imaginar tudo pelo que ele terá passado em criança e as memórias horríveis que deve manter. Pensar nisso faz o meu coração apertar-se. Tento afastar essas ideias da minha mente, abanando a cabeça, como se fosse sacudir para fora de mim todos os pensamentos.

— Nem tudo é mau. Pelo menos os nossos pais souberam fazer dois filhos lindos — brinca.

Eu não posso discordar. Eles são bonitos e faziam-me lembrar aqueles famosos *idols* do *K-pop*.

Algumas das minhas antigas colegas de escola iam passar-se, se os vissem.

— Ainda estás no primeiro ano, não é? — pergunto.

— Sim, a minha mãe disse que íamos ter as aulas de línguas orientais juntos. Deve ser muito difícil para ti.

— Pois, não vai ser fácil, mas não posso desiludir a minha mãe.

— Hum... Era suposto não queres desiludir-te a ti mesma. Não é isto que queres para o teu futuro?

Cogito sobre a pergunta de Jaein e mordo a bochecha, antes de saber o

que dizer. Isto é o que quero, certo? Quer dizer, eu planeei isto a minha vida toda.

— Então? — Jaein abana a mão, mesmo diante do meu rosto, como se me quisesse acordar.

— Desculpa. De repente, perdi-me nos pensamentos... — Faço uma pausa enquanto brinco com os nós dos dedos. — Enfim, acho que devo isto à minha mãe. Ela engravidou quando estava a acabar o curso e, na época, não havia sequer estabilidade financeira. A minha mãe deixou tudo para cuidar de mim e o meu pai também deixou de estudar e foi trabalhar, porque de outra forma não teriam dinheiro. Durante toda a minha vida, a minha mãe fez questão de inculcar em mim o desejo que ela tinha de um dia poder trabalhar numa editora e fazer traduções de obras literárias. Eu sinto a obrigação de acabar o que ela não terminou. — Dou um suspiro quando sinto um nó formar-se na minha garganta e a vontade de chorar cresce no meu peito. — Sinto que estraguei o futuro dela e devo compor isso de alguma forma.

Jaein parece algo perturbado e sem saber o que dizer. É por isso que eu não gosto de falar sobre mim, nem sobre o que penso, porque acabo por incomodar os outros.

— Desculpa, não queria aborrecer-te — murmuro.

— Não, Alice. Está tudo bem. Eu é que não sei bem o que dizer. Estou indeciso entre dizer-te que és uma boa filha e que és uma tonta, porque não estás a seguir um caminho que é teu.

— Obrigada pelos dois pontos de vista — ironizo e Jaein ri.

— Estou a falar a sério, Alice. Devias lutar pelo que gostas e estar a fazer o que te deixa feliz. Isso devia deixar a tua mãe igualmente feliz e orgulhosa.

— O problema é que nem eu sei o que realmente quero. Acho que a minha mãe me formatou de tal maneira que se calhar eu nem sequer sei mesmo quem sou.

— Tenho a certeza de que em breve te vais descobrir. Ainda vais a tempo.

Era madrugada e eu andava às voltas na cama. Ainda não tinha parado para pensar e tomar consciência do sítio em que realmente estava. O mais longe que já tinha ido era ao Algarve. Pego no telemóvel que carregava em cima da mesinha de cabeceira e vejo as horas.

*São 04:00h da manhã.*

Nisto, ouço a porta lá de baixo bater e, pouco depois, o som de vidros a estilhaçarem-se ecoa pela casa. Era suposto eu levantar-me e trancar a porta do quarto, mas a minha mente estúpida e curiosa faz-me rodar a maçaneta

da porta e caminhar até às escadas, pé ante pé. Ninguém parece ter ouvido o mesmo que eu.

Cá em cima, mantém-se tudo em silêncio, mas, conforme vou descendo, começo a ouvir passos e murmúrios. No final da escadaria, há uma mesinha de apoio que tem uma jarra branca com padrões azuis desenhados. Não hesito em pegar nela, antes de continuar a seguir os sons.

Quando chego à cozinha, um líquido vermelho está espalhado pelo chão, assim como alguns cacos de vidro verde. Era vinho tinto. A porta que dá acesso às traseiras da casa está aberta e eu saio por ela, começando, novamente, a ouvir uma voz masculina resmungar.

— Quem está aí? Estou armada! — digo, alto, com a voz firme.

— Boo! — O ar é soprado ao meu ouvido e eu dou um grito, tendo intenção de lançar a jarra em direção ao corpo ali presente.

Sinto o meu braço ser impedido de ir mais longe.

— Ei, calma! — *Jaewon?* — É melhor pousares isso. É a preferida da minha mãe.

— Hã? — Ainda estou tão atordoada com o susto que não consigo assimilar nada direito.

Franzo o cenho ao mesmo tempo que olho para a jarra e, então, decido pousá-la, devagar, sobre a mesa da esplanada.

— O que aconteceu? — Olho para *Jaewon* de cima a baixo e ele parece uma autêntica desgraça.

Está podre de bêbedo e cheira a álcool e ao seu perfume amadeirado, o que é estranhamente sedutor.

— Não se passou nada, pelo menos, nada de novo. — Ele tenta caminhar, mas quase cai e eu seguro-o, com os meus braços à volta do seu tronco.

É duro e definido. Ao tê-lo assim tão perto, uma sensação estranha forma-se no meu estômago.

De repente, o meu rosto parece queimar e *Jaewon* encara-me com um sorriso trocista. Largo-o, de imediato, e coloco as mãos juntas para trás.

— Vamos dar uma volta, maninha — diz entre risadas.

Faço um sorriso irónico, antes de lhe responder:

— Falas melhor inglês quando estás bêbedo.

*Jaewon* aproxima-se de mim e ficamos demasiado próximos. Os nossos corpos estão quase colados um ao outro. Ele aproxima mais o seu rosto e, com um sorriso patife, olha-me pela primeira vez nos olhos, bem no fundo deles.

— E queres saber o que mais faço melhor quando estou bêbedo? — A sua voz soa rouca e arrastada e isso provoca em mim um frio estranho na ponta dos dedos e no fundo da minha barriga.

Engulo em seco quando fito os seus olhos puxados e redondos e depois os lábios dele.

*Como pode ser tão bonito? E também tão estúpido?*

— Okay, já chega. Vamos para dentro. — Acabo com o clima e puxo-o pelo braço para dentro de casa.

Arrastar Jaewon pelas escadas acima não parecia ser uma tarefa fácil, por isso optei por deixá-lo no sofá da sala. Ele ria com as próprias falas aleatórias que eu não entendia. Por fim, fechou os olhos e finalmente sossegou.

Jaewon tinha o cabelo caído para a frente do rosto e, apesar de hesitante, desviei-o, gentilmente. Constatado como a sua pele é macia e bonita. Ele tem um rosto atraente. Agora, a dormir, parece apenas um menino fofo a pedir aconchego.

Antes de subir para o quarto, pego na manta que está na ponta do sofá e cubro-o.

*Depois disto tudo, como é que eu vou conseguir dormir?*

Quando me deito, tudo o que quero é que o friozinho na barriga passe. Demasiadas emoções para o primeiro dia, Alice.

A decorative graphic featuring three musical notes of varying sizes and positions, arranged around the chapter title.

## CAPÍTULO 3

## ALICE

**E**sta manhã acordei ainda atordoada. Nos primeiros segundos, não sabia ao certo onde estava.

A voz de Harin pelo corredor da casa despertou-me para a realidade. Ela tentava acordar toda a gente.

Quando me levantei, senti que não tinha dormido sequer duas horas. Saí do quarto em direção à casa de banho, quando o meu braço foi puxado para trás.

— O que...

— Desculpa, mas já estou atrasado — avisa Jaewon, num tom de voz neutro e indiferente.

— E voltou a ser o mesmo rosto trancado... — murmuro para mim mesma.

Durante o jantar de ontem, Jaewon não parecia ser muito dado a sorrisos.

Não obstante, ele sorriu imenso quando estava bêbedo. É uma pena que o seu eu sóbrio seja tão carrancudo. Não que Jaewon bêbedo seja muito melhor. Na verdade, ele nem devia beber, tendo em conta o passado com o seu pai.

Quando cheguei à cozinha, lembrei-me da garrafa de vinho partida.

*Nunca mais me lembrei de limpar aquilo.*

Apesar disso, alguém parecia já ter limpado a confusão toda que o Jaewon fizera.

Depois de alguns dias em Seul, já me desenrascava sozinha e finalmente sentia-me mais independente.

O *campus* da universidade parecia não ter fim e, para minha admiração, havia muitos estudantes estrangeiros. Quando imaginei que seria a única pessoa diferente, estava redondamente enganada. Há todo o tipo de jovens espalhados pelo *campus* e isso fez-me sentir menos insegura.

Os dias foram decorrendo e nem dava para acreditar que já passara quase um mês desde que eu tinha chegado.

— *Noona*, vou para a aula. A sala é no edifício na outra ponta do *campus*, tenho de me despachar — informa Jaewon e gesticula um adeus enérgico e animado.

É mesmo o jeitinho dele, alegre e cheio de energia. Completamente o oposto do irmão. Eles são tão diferentes que eu não consigo entender como se conseguem dar bem.

— Adeus. Vemo-nos mais tarde.

Levanto-me do relvado e sacudo com as mãos os meus *jeans*.

— Bom, acho que também vou andando — aviso.

— Já? Estou tão sonolenta que por mim ficava aqui o resto da tarde. — Nari resmunga e espreguiça os braços para os lados.

Não sei se era por estar num ambiente diferente, mas tem sido mais fácil para mim ter uma vida social aqui do que quando estava em Portugal.

Desde que cheguei, já saí mais vezes do que num mês inteiro lá. Apesar de participar nos convívios com toda a turma, aproximei-me mais da Nari. Talvez por ser alguém com quem me identifico. Nari é bonita e, quando sorri, as bochechas ganham duas covinhas fofas. Ela é gentil e cuidadosa comigo e também gosta de ler romances e de ouvir as mesmas músicas que eu. Acho que seremos parceiras para a vida toda.

As coisas têm estado a correr bem e eu posso finalmente respirar de alívio por tudo se encontrar dentro do planeado. Tenho falado com a minha mãe, sempre que há oportunidade. Ainda tenho medo de que ela se sinta só.

Também decidi evitar Jaewon ao máximo. Sempre que tentei comunicar com ele, apenas me revirou os olhos e virou a cara. Não tem quaisquer modos, nem um pouco. Além disso, estar perto dele traz-me uma sensação estranha que eu não consigo controlar e que demora algum tempo até passar.

De qualquer maneira, ele está sempre fora de casa e eu também comecei a ter explicações de coreano, o que me ocupa mais tempo.

Já tinha anoitecido quando saí da biblioteca. Estava cansada e com fome.

A estação do autocarro fica pouco mais abaixo do *campus*. Tenho de ser rápida, caso contrário, terei de esperar pelo próximo e isso só será daqui a uma hora e meia. Olho para o relógio no pulso: *Faltam sete minutos*. Ajeito as alças da mochila e começo a correr.

Penso que o dia termina por aqui, mas, quando me apercebo de Jaewon que caminha até um dos edifícios, paro de correr e escondo-me entre alguns arbustos, ao lado do caminho. Espreito-o e observo-o, como se eu fosse um felino. Jaewon entra no edifício e eu pondero entre ir ou não atrás dele. Admito que sou curiosa em relação a Jaewon, já que parece tão frio e distante, e isso faz-me querer saber mais.

Entro logo atrás dele. Poucas luzes estão acesas a esta hora. Ele encontra-se numa das salas de música e eu aguardo algum tempo do lado de fora para que ele não dê conta da minha presença. Encosto o ouvido na porta e permaneço quieta, a fim de ouvir alguma coisa vinda do outro lado.

Alguns segundos se passam quando o som acústico de uma guitarra começa a embalar o ambiente e eu afasto a minha cabeça da porta, empurrando-a devagar. Deixo apenas uma fininha frincha aberta, o suficiente para ter Jaewon no meu campo de visão. Ele segura uma guitarra e anota alguma coisa no suporte de pautas à sua frente, e volta a dedilhar nos acordes.

Estou parva. Sabia que ele tocava, mas nunca o tinha ouvido e... caramba, ele é muito bom!

Começo a reconhecer a música. Shawn Mendes? A sério? Jaewon, o tipo que parece um *punk*, a tocar uma música do Shawn Mendes? Solto um riso nasalado e abano a cabeça.

— Com que então, o Jun Jaewon...

— *Sunrise with you on my chest...* — O meu coração quase para quando ouço a voz que ressoa. Provavelmente, é a voz mais apaixonante de sempre.

Soa ligeiramente rouca, suave e é tão afinada que não parece real.

*No blinds in the place where I live  
Daybreak open your eyes  
'Cause this was only ever meant to be for one night  
Still we're changing our minds here  
Be yours, be my dear...*

Eu não acredito que nasci para ver isto. É lindo, perfeito. O meu coração bate a mais de mil à hora, mas eu simplesmente não o consigo acalmar. Não enquanto estiver a ouvir o Jaewon cantar.

— *If I'm dreaming, baby, please don't wake me up...*

Ele canta e eu, realmente, também não quero acordar disto. Tenho todo o meu corpo arrepiado.

De repente, noto uma aranha na ombreira da porta e sibilo, assustada.

— Que nojo! — Tento afastar-me e acabo por cair, empurrando a porta à minha frente.

A música interrompe-se de rompante e eu mordo o lábio inferior, porque sei que fui descoberta.

— *Merda...*

As botas pretas de Jaewon, agora, estão bem à frente dos meus olhos e eu temo olhar para cima, como se a minha vida dependesse disso.

— Vais dizer-me porque é que me estavas a espiar? — Ele aninha-se à minha frente.

Levanto-me o mais depressa que consigo, lanço os cabelos para trás e ajeito o *top* cor-de-rosa que trago vestido.

Jaewon cruza os braços e fita-me, com os olhos semicerrados.

— Eu não te estava a espiar.

— Ah, não?

— Não, eu só estava de passagem e apercebi-me de uma música a tocar, então, aproximei-me para ouvir. Eu também gosto de Shawn Mendes — explico enquanto esfrego uma mão no meu pulso esquerdo, ao sentir uma pequena pontada naquela zona.

Jaewon mantém o semblante sério e, por fim, solta um suspiro pesado, como que derrotado.

— Magoaste-te? — Pega gentilmente na minha mão e analisa todo o meu pulso.

Será mesmo este o Jaewon que conheço?

— Está tudo bem — respondo.

— Vamos pôr gelo, anda. — Ele segura a minha mão e aquela sensação estranha no meu estômago volta.

Tiro a mão dele e afasto-me. Ele encara-me, confuso.

— Não é preciso... E-eu faço isso quando chegar a casa.

— Vim no carro dos nossos pais. Levo-te a casa, então.

Lembro-me do autocarro e apetece-me bater em mim mesma por ter deixado a curiosidade falar mais alto e ter acabado por perder a minha boleia.

— Está bem.

Também não tenho outro remédio. Durante o caminho para casa, o silêncio parecia demasiado barulhento na minha mente. Nenhum de nós falava.

Jaewon começou a mexer no rádio e passava de emissora em emissora.

— O que te apetece ouvir? — pergunta-me, e essa sua consideração por mim espanta-me.

— Ahm... Pode ser o mesmo que estavas a cantar.

Ele dá um pequeno sorriso e responde:

— Entendi. Então, é Shawn Mendes que vamos ouvir.

Admiro-o, secretamente, e um sorriso involuntário forma-se nos meus lábios. É difícil não sorrir, ao ver Jaewon agir assim.

Percebo que Jaein tinha razão quando dizia que no fundo o irmão era bom, e talvez realmente ele não fosse assim tão mau. Os olhos de Jaewon brilhavam quando cantava e isso era sinal de que tinha emoções dentro dele. Não era vazio, nem de gelo. Talvez Jaewon tivesse uma alma calorosa e gentil. Só parecia não querer mostrá-la. Seria tudo por causa do pai dele?

Jaewon cantarolava a música, enquanto mantinha a atenção na estrada. Já eu não consigo sequer ter noção do mundo à minha volta. Neste momento, para mim, só existe Jaewon a cantarolar com um sorriso nos lábios e olhos brilhantes. Os dedos longos e tatuados cutucam o volante ao som da música e eu não consigo parar de pensar no quão atraente ele é, até mesmo nas mãos.

Quando chegámos, os nossos pais estavam no sofá da sala sentados. Ao verem-nos chegar juntos, não se pouparam em disfarçar a surpresa.

— Podem dizer que estão admirados, vá — diz Jaewon, num tom irónico, mas sabe que tem razão.

— Só não esperávamos ver-vos chegar juntos. Vocês mal se falam. É um alívio que finalmente se comecem a relacionar um com o outro. — O meu pai fala com um sorriso estampado na cara.

— A Alice precisa de colocar gelo no pulso — avisa Jaewon, subindo as escadas.



CAPÍTULO 4

JAEWON

Queria simplesmente não me importar e fechar todo o meu coração. É tão difícil lutar todos os dias para manter esta capa tão pesada sobre os ombros. Às vezes, ela acaba por pesar demasiado e eu tenho de ceder.

É quase meia-noite e eu ainda observo Alice pela janela do quarto. Está sozinha no jardim. Tem uma camisa de dormir que lhe chega aos joelhos e o decote é pouco revelador.

Com os fones nos ouvidos e deitada na espreguiçadeira, ela observa as estrelas e move devagar os pés, seguindo o ritmo da música. O que será que ela está a ouvir?

Os cabelos estão soltos e caídos à frente dos ombros, as leves ondas que possui a partir do meio descem ao longo da sua silhueta até mais ou menos a meio da sua barriga. Os seus fios cor de mel parecem tão leves e, por instantes, sinto vontade de lhes tocar.

*Mas que merda, Jaewon... para!*

A minha mente chama-me à razão, mas eu continuo com os pés firmados no chão e os olhos vidrados na minha meia-irmã ou quase irmã. Sei lá.

— E depois apareceu o namorado dela... Esquece, foi uma cena e tanto! — Jihoon contava ao grupo uma história qualquer sobre uma traidora, enquanto eu desenhava à toa no meu caderno.

— Jaewon? — Areum coloca delicadamente uma mão sobre o meu ombro. — Estás muito calado.

— E desde quando é que eu falo muito?

— Tens razão, mas hoje pareces mais distante. Estás bem?

— Eu estou sempre bem. — Fecho o caderno quando sinto que Areum espreita.

— Também vais à abertura do Shine Club, na próxima semana?

Assinto com a cabeça e Areum dá uma pequena risada animada.

— Que bom, *oppa!* Vejo-te logo, então. Vou para a aula. — Areum deposita um beijo na minha bochecha e segue o seu caminho.

— Ei, Jaewon... — Taejoon senta-se na cadeira ao meu lado. — Quando é que lhe vais dizer que não queres nada sério?

— Eu sempre lhe disse que entre nós era só sexo.

— Nota-se a milhas que ela gosta de ti. Devias, pelo menos, parar com os encontros íntimos. Há muitas miúdas por aí e tu sabes.

— E achas mesmo que eu só tenho estado com ela? — Sorrio, trocista.

— Ouve, ela anda atrás de ti pelo *campus* todo. É melhor acabares com isto logo. E Areum é uma miúda porreira.

Puxo o ar entre os dentes, enquanto tento filtrar as palavras do Taejoon.

— Olha, eu já lhe disse e mesmo assim ela continua a procurar-me. Além disso, assegurou-me de que também só se queria divertir.

— Ela disse-me que gostava de ti e pediu-me ajuda para te conquistar — conta Jihoon.

*Okay...* Eles têm razão. É melhor acabar com isto. Não me quero sentir culpado quando ela decidir mandar-me à cara que a iludi.

O acordo é sempre o mesmo. Nunca há sentimentos e se Areum realmente sente mais do que uma atração física, então preciso de acabar com isso. Pego no telemóvel e envio uma mensagem a Areum a explicar que não podemos estar mais juntos porque não quero ferir os seus sentimentos.

— Problema resolvido — digo, assim que carrego na setinha para enviar a mensagem.

Quando chego a casa, a Alice está na sala, sentada no chão em frente da mesinha de centro a estudar. Olha para mim e faz um pequeno sorriso. Não digo nada e subo para o meu quarto.

Minutos depois, ouço baterem na porta.

— Sim?

— Po-posso entrar? — ouço a voz doce de Alice.

— Ahm... — Olho em volta para conferir se tenho o quarto arrumado. — Sim, podes.

Ela entra, fechando a porta atrás de si. Alice usa um vestido azul-bebé, sem mangas, que deixa parte do seu peito e dos seus ombros finos à mostra, chegando até pouco mais acima da linha do joelho. O vestido é justo e todas as suas curvas estão perigosamente expostas por baixo do tecido.

*Céus, como é linda.*

— Eu só queria pedir um favor... — Ela segura as mãos atrás das costas. — Podes emprestar-me os apontamentos de poesia tradicional que ainda tenhas do teu primeiro ano?

— Tenho isso tudo guardado lá em cima, no sótão. Posso ir buscar, se quiseres.

Ela sorri e parece mais aliviada. Provavelmente, achava que eu ia mandá-la embora ou tratá-la mal. Não tenho um temperamento tão mau a esse ponto.

Na época da adolescência, causei muitos problemas, porque não conseguia controlar a raiva, mas desde que aconteceu aquilo com a Chaewon, decidi deixar que os meus avós me levassem a fazer terapia. Desde aí que evito meter-me em confusões. Só quero estar na minha e se ninguém mexer comigo, eu também não o faço. Receio começar e não conseguir parar. Até agora, tenho conseguido escapar de confusões e sei que a minha mãe e o meu irmão se sentem melhor por isso.

Alice acaba por oferecer ajuda para procurar as coisas e eu aceito. Puxo as escadas que dão acesso ao sótão e Alice sobe à minha frente. Quando as suas coxas e o rabo estão mesmo à frente dos meus olhos, engulo em seco, virando, de imediato, o rosto para o lado.

*Raios! Não olhes, não olhes!*

Alice tem as coxas mais grossas, comparando com a maioria das mulheres coreanas, mas eu adoro isso. É tão errado, eu sei que é, mas, mesmo assim, adoro.

— Por favor, não olhes para cima! Sou uma tonta! Estou de vestido, devias ter sido o primeiro a subir.

— Está tudo bem, eu não vi nada — minto. — Vá, entra.

— Estava tão entusiasmada para ver o sótão que nem me lembrei. — Alice resmunga como uma criança.

*Tão fofa.*

— Alice, está tudo bem. Anda lá, então.

Entro logo atrás de Alice e a escada automaticamente volta a subir, fechando ao mesmo tempo a entrada do sótão.

Está tudo escuro e eu começo a procurar o telemóvel no bolso dos *jeans* para ligar a lanterna. Apenas alguns raios de sol escapam por entre as telhas acima de nós. Não temos praticamente luz.

— Merda! — resmungo. — Não trouxe o meu telemóvel. Tens aí o teu?

— Não. E agora?

— Espera, vou voltar a abrir a entrada para dar luz.

Esforço-me para empurrar a pequena porta, mas ela insiste em não abrir.

— Não vai dar. Temos de chamar alguém, Alice.

— Mas não está ninguém em casa.

*Fantástico.*

— Está muito escuro — diz Alice. — Jaewon? — Ela parece um bocado aflita.

— Sim, estou aqui. Estás bem? — Estico as mãos em frente e apalpo o ar até sentir os cabelos de Alice.

Levo, gentilmente, uma mão ao seu braço e deslizo com a ponta dos dedos por ele abaixo, até encontrar a sua mão. Seguro-a com firmeza e desta vez Alice não se afasta de mim.

— O escuro deixa-me um bocado receosa — admite ela, enquanto eu sinto a sua testa quase encostada ao meu peito.

— É certo que és pequena, Alice, mas já não tens idade para ter medo do escuro. — Brinco para que ela descontraia um pouco.

— Tu é que és alto.

Ambos rimos em sintonia e eu apercebo-me de que a risada de Alice soa como uma linda melodia aos meus ouvidos.

— Porque é que não és sempre assim? — A sua voz, agora, é baixa e calma.

Permaneço em silêncio, porque não sei como lhe responder. Muitas coisas passam na minha mente e no meio de tantas declarações possíveis, prefiro simplesmente não tentar justificar. Se dissesse tudo o que me passa pela cabeça, seria cansativo.

A decorative graphic consisting of three musical notes of varying heights and positions, arranged in a slight arc. The notes are black with white stems and flags.

## CAPÍTULO 5

### ALICE

**P**ercebo que o Jaewon não me vai responder e que a sua mão começa a fazer mais pressão sobre a minha. Parece ligeiramente ansioso, por isso, tento mudar de assunto o mais rápido possível.

— Achas que vão demorar muito? — questiono, enquanto uso o polegar para massajar a mão de Jaewon, até a respiração dele voltar a suavizar.

— Não quero pensar de mais... — A voz dele é fraca. — Queria responder-te como deve ser, mas não quero relembrar tudo agora. Desculpa.

O facto de Jaewon se justificar desta forma já é surpreendente e, por agora, isso é suficiente.

— Está tudo bem. Não penses de mais. Sei o quão destruidor isso pode

ser. Por agora, não vamos pensar em nada. — Faço uma pausa. — Só mesmo em como conseguimos sair daqui.

Percebo que Jaewon sorri; mesmo no escuro conseguimos identificar alguns dos nossos contornos.

Jaewon é subtil e inesperado quando leva os dedos a uma mecha do meu cabelo, colocando-o de forma delicada atrás da minha orelha. Desliza os dedos pela linha do meu maxilar e eu engulo em seco. Sentir as pontas dos seus dedos na minha pele faz o meu coração dar cambalhotas.

Assim como a minha, a sua respiração torna-se um pouco mais rápida e eu não me quero desviar dele. O cheiro, a respiração quente, é tudo o que eu desejo sentir agora. Jaewon provoca-me coisas que eu só sentia quando lia romances.

De repente, ele para e afasta-se. Limpa a garganta, com um ruído fraco e rouco. Porque é que ele me faz sentir assim? Justamente ele?

— Acho melhor tentar abrir aquilo outra vez — sugere.

— Não será melhor esperarmos que chegue alguém?

Jaewon agarra no puxador e começa a empurrar.

— Não podemos ficar aqui fechados e eu nem sequer consigo procurar os apontamentos nesta escuridão.

— *Okay*. Deixa-me ajudar-te, então. — Aproximo-me.

— Não! — exclama Jaewon e eu dou um passo rápido para trás, assustada. — Não... Desculpa, não estou a gritar contigo. — Ele desliza os dedos pelos seus cabelos e arfa, derrotado. — Eu não estava mesmo a gritar contigo, só prefiro fazer isto sozinho.

Ele não quer que eu me aproxime?

— Vamos ter de esperar. Não vale a pena tentar.

Jaewon desiste e senta-se, em silêncio. Sento-me também e arrasto o meu corpo até encontrar o dele, mas ele afasta-se mais um pouco, novamente. Decido ignorar o facto de que, de repente, ele parece ter ficado com medo de mim.

— Porque é que não aproveitamos para conversar um bocado e conhecermo-nos melhor?

— O que é que há para conhecer mais?

— Por exemplo, o que é que queres fazer depois de acabar o curso, coisas assim.

Jaewon acaba por contar mais sobre ele do que aquilo que eu esperava e parecia interessado em saber coisas sobre mim.

À medida que a conversa flui, eu tenho a certeza de que Jaewon não é um ser humano oco por dentro. Ele também tem sonhos e um deles é o de se tornar músico.

Definitivamente, é impossível não acreditar que um dia ele terá sucesso. Jaewon é bom no piano, na guitarra e ainda melhor a cantar.

— E namorada? Tens? — Sou ridícula, ao fazer uma pergunta destas, mas é mais forte do que eu.

— Não me envolvo em relacionamentos.

Franzo o cenho, pensando nas várias hipóteses do que aquilo poderia querer dizer.

— Como assim? Nunca estiveste com alguém, é isso?

— Não, não é isso. O que quero dizer é que costumo sair com algumas raparigas, mas nunca é nada sério.

— Desculpa, não estou mesmo a entender. — Ele anda com algumas, mais do que uma? E não é sério, como?

— Nós só curtimos. É simples, Alice. Eu não namoro com ninguém e não tenciono namorar, nunca.

Ah! Desconfiei que na verdade fosse isso. Estava na cara que era o seu estilo.

— Mas nunca te apaixonaste?

Jaewon fica em silêncio, por alguns segundos, e, por fim, responde:

— Já, mas já foi há muito tempo. — Suspira. — Prefiro não falar sobre isso. — Inclina-se para trás, encostando-se a algumas caixas de papelão. — E tu? Deixaste alguém em Portugal?

Já sei que ele não quer falar de nada que esteja relacionado com o seu passado e não vou insistir.

— Não. Eu tive um namorado, no décimo primeiro ano, já foi há bastante tempo.

— Porque é que acabou?

— Não me sentia preparada para avançar com a relação da mesma forma que ele. Não estávamos em sintonia e foi isso que nos levou a acabar.

— Avançar, como, queres dizer terem sexo?

A forma leviana com que Jaewon fala do assunto deixa-me constrangida, envergonhada e, ao mesmo tempo, surpreendida.

— Ele... Ele queria que tivéssemos a nossa primeira vez juntos. — As minhas bochechas queimam de vergonha. — Mas eu não me sentia preparada.

— Espera, então — pronto e aí vem a pergunta —, se ele foi o teu último namorado e vocês não fizeram nada, isso quer dizer que o fizeste com alguém que não era teu namorado?! — Ele parece chocado. — Uau... Não parece nada o teu estilo.

Achei que ele me ia perguntar se eu era virgem, mas pelos vistos a cabeça de Jaewon não está preparada para pensar que uma rapariga da minha idade ainda seja virgem.

— Não, idiota. — Dou uma risada. — Nunca cheguei a fazê-lo.

Admitir isto desta forma foi bem mais fácil do que o costume.

— Ah... — Um silêncio constrangedor surge, por segundos. — Um dia acontecerá. Não te preocupes.

— Acredita que não estou nem um pouco preocupada com isso. — Rio-me. — Quando tiver a certeza de que encontrei a pessoa certa, aí, sim, acontecerá, mas até lá não estou nem um pouco preocupada.

Deve ter passado cerca de uma hora e meia desde que ali estávamos, quando finalmente ouvimos a voz de Harin. Rapidamente, começámos a bater com os punhos na entrada para que nos ouvissem.

— Estamos aqui, no sótão! — gritou Jaewon.

De repente, a portinha é puxada para baixo e nós respiramos de alívio.

Depois de explicarmos como fomos parar ao sótão e de isso render algumas gargalhadas e piadas por parte de Harin, Jaewon pediu que ficássemos a segurar a escada e foi buscar os cadernos.

— Vocês têm de arranjar o travão disto. Se chegassem só à noite, ficávamos ali por mais de três horas.

— Eu sei. Vou pedir ao teu pai para chamar alguém. Mas há males que vêm por bem. Assim, vocês conseguiram passar mais tempo juntos para se conhecerem. Como dois irmãos a sério.

Como dois irmãos a sério... Não sei explicar o que sinto quando Harin fala de nós assim.



## CAPÍTULO 6

### JAEWON

**S**empre que Alice se aproximava de mim, o meu corpo parecia arrepiar-se. Ela mexia comigo e eu não o podia negar. Tenho tentado meter na cabeça que sentir-me (de certa forma) atraído por ela é algo normal. Faz parte do ser humano. Todos nós sentimos atração física por outras pessoas e não há nada de errado nisso.

Se Alice não fosse filha do marido da minha mãe, talvez já tivesse acontecido alguma coisa. Ou então não. Alice é diferente e está à espera da pessoa certa para se envolver e eu não teria o direito de arruinar isso.

Era a noite de abertura do Shine Club e um montão de pessoas da universidade também marcavam presença no espaço. A música tinha uma energia animada e, ao mesmo tempo, sedutora; os corpos das mulheres ondulavam livremente nos corpos de possíveis parceiros.

Dou mais um gole na minha bebida enquanto vejo um grupo de mulheres entrar.

Jihoon começa a esfregar as mãos e um sorriso forma-se de uma ponta à outra do seu rosto. Os nossos olhos comunicam o mesmo, não precisamos de dizer nada.

— Tem lá calma. A noite ainda mal começou. Vamos, primeiro, acabar a bebida — sugiro.

— Tarde de mais, elas vêm aí.

## ALICE

— Não achas demasiado, sei lá? — Puxo o vestido mais para baixo.

— Estás a brincar? Estás uma gata, Alice! — assegura-me Nari, mas o ponto nem sequer é esse.

O decote do *body* é fundo e a saia curta tem brilhantes por todo o seu tecido. Fui mesmo gastar dinheiro nisto?!

— Enfim, eu nem sequer tenho um peito assim tão bonito para usar um decote destes. Não fazes ideia de como estou a chorar o dinheiro que gastei nestes trapos!

— *Ya!* Para de te sabotar! — reclama Nari, com as mãos na cintura, numa postura autoritária. — Estás ótima. Vamos a uma discoteca, não a um salão de chá! Essa é a roupa que combina para esta noite.

Bufo, derrotada, e decido usar o visual apenas por esta noite. Pelo menos, em honra do dinheiro que gastei.

Nari usa um vestido branco, justo e curtinho, sem mangas. O seu corpo magro encaixa perfeitamente no vestido.

## NARRADOR

Da rua já se ouvia a música que soava do Shine Club.

Alice sentia uma espécie de adrenalina com todo aquele ambiente noturno. Quando entrou, a pista estava cheia e já quase não havia lugares de mesa disponíveis.

— Vamos procurar melhor — grita Nari ao ouvido de Alice e esta assente.

Na outra ponta do espaço, Jaewon ainda mantinha todo o *flirt* com a loura à sua frente. Já estava no segundo copo da noite. Ainda não se afastara do bar, mas Taejoon e Jihoon já tinham parceiras de dança e talvez para a noite toda.

Jaewon levou uma mão ao rosto da beldade sentada à sua frente e fez-lhe uma carícia, sem nunca deixar de a olhar com luxúria. Os seus olhos escuros deixavam a loura hipnotizada e sedenta por ele.

A camisa branca de Jaewon deixava transparecer o seu abdómen magro e perfeitamente definido. Os ombros largos eram a cereja no topo do bolo. Este homem era um anjo caído do céu.

Por fim, Jaewon levanta-se, assim como a sua parceira para aquela noite. Ela aproxima-se dele, enquanto move o seu corpo de forma provocadora e sensual. Ele não perde mais tempo e enfia os dedos por entre o cabelo louro dela, puxando-a de encontro aos seus lábios. Ela corresponde, como se já desejasse aquilo há muito. Quando se afastam para retomarem o fôlego, Jaewon tem uma visão estranha. Parece-lhe ter visto a Alice logo atrás dos ombros da loura.

— Espera — diz, afastando-se.

— O que foi?

## JAEWON

Quase duvido da minha sanidade mental, mas estou certo. É mesmo a Alice. E que roupa é aquela? Ela está um pecado. A personificação perfeita do termo. Aquelas coxas não deviam estar à vista de todos. Olhá-la assim só aumenta a minha atração física por ela e isso só piora tudo.

Um tipo qualquer não para de lhe falar ao ouvido. Ela tem um sorriso rasgado, tão contagioso como as suas gargalhadas. Mas quem é aquele tipo? Será de confiança?

Foda-se para isto! Quero parar de me importar.

— Desculpa. Pensei ter visto alguém. Não importa.

Volto a beijar Ara, com calma, e traço um caminho com a ponta dos dedos pelo seu pescoço e ombros descobertos.

Contudo, Alice invade os meus pensamentos e eu volto a afastar-me. Raios!

— Vou buscar outro copo — aviso, virando as costas, e é então que o meu corpo parece levar com um balde de água gelada, quando percebo que Alice já estava a olhar para mim com aqueles belos olhos grandes.

Não consigo ler a sua expressão. Ela tem o sobrolho franzido, mas não mexe a cabeça, nem parece tentar dizer nada.

## ALICE

Ao ver Jaewon do outro lado da pista, pergunto-me quem será a rapariga de cabelos tingidos a louro. Então, relembro a nossa conversa no sótão e não tenho dúvidas de que será mais um caso de uma noite.

Por alguma razão, sinto-me dececionada. Sei que é estúpido e eu não tenho sequer esse direito, mas, por muito que tente, não consigo evitar.

Sinto que perco o controlo de tudo, por causa dele. Tenho de admitir, pelo menos para mim mesma, que, de alguma forma, me sinto atraída pelo filho da minha madrastra. Admitir isto nos meus pensamentos é difícil, imagino como seria contar a alguém. Que constrangedor.

Não me consigo mover quando percebo que Jaewon, agora, está a olhar para mim também. De repente, parece que só existimos os dois neste espaço.

— Vamos beber *shots*, também alinhás? — pergunta Jinwoo, um dos meus colegas de curso, conseguindo tirar-me da hipnose provocada por Jaewon.

Aceito a sugestão e todo o grupo se junta ao balcão do bar para nos serem servidos os *shots* de tequila. Quando bebo de uma só golada, sinto o líquido queimar a minha a garganta e o peito. É horrível.

— Alice... — Apercebo-me de um ligeiro toque no braço e todos os meus colegas, incluindo Nari, parecem surpresos.

Quando me viro, vejo Jaewon com cara de cachorrinho abandonado e olhos ligeiramente vermelhos. Se ainda não está bêbedo, está quase.

— Jaewon, então? — Tento parecer o mais descontraída possível e percebo que ele deixou para trás a sua mais recente companhia.

— Porque estás a beber?

— De vez em quando, não tem mal. Eu não bebo até cair para o lado. — Pisco-lhe o olho, com um sorriso travesso.

Ele entende a indireta e assente com a cabeça, fazendo, também, um biquinho com os lábios. Não responde e apenas acaba o resto da bebida que ainda tinha no copo.

— Alice, não é o Jaewon, o irmão do Jaein? — questiona Nari, discretamente.

— Sim.

— Caramba, agora entendo porque é que ouço falar tanto dele. É diferente e tem beleza que nunca mais acaba.

Faço um sorriso forçado, antes de voltar a pedir uma bebida.

O grupo com que eu e a Nari viemos acaba por se juntar aos amigos de Jaewon e agora todos se divertem juntos.

Jaewon move o seu corpo animado e eu já bebi o suficiente para toda a minha vergonha se desvanecer como nevoeiro ao longo de uma manhã.

Salto, levanto os braços, abano a cabeça e deixo os meus cabelos esvoaçarem livremente. Sabe bem estar livre e sentir a música tomar conta dos movimentos do corpo.

Aproximo-me mais de Jaewon, porque simplesmente não aguento a tortura da distância física entre nós, quando ele não para de olhar para mim, nem de me sorrir. As luzes da discoteca fazem com que se perceba o seu abdómen firme por baixo da camisa branca. Ele tem alguns botões desabotoados e eu consigo ver a pele do seu peito robusto. Ele podia ser menos atraente? Acho que facilitava as coisas.

— Estás tão descontraída — comenta ao meu ouvido. — É bom ver-te assim.

— Estou a amar esta sensação! — Sinto-me feliz e não consigo parar de sorrir.

Tenho vontade de o abraçar e dançar bem junto a ele. Jaewon aproxima-se mais e apoia a sua testa na minha. E é então que o mundo em que estávamos desaparece.

Só existo eu, ele e a música. O seu sorriso faz todas as borboletas do meu estômago despertarem e num impulso puxo-o para mim, deixando os nossos corpos colados, enquanto os meus braços envolvem o seu tronco. Jaewon afasta o rosto e os seus olhos escuros invadem os meus até aos confins.

Com uma mão, ele segura delicadamente o meu rosto e os seus lábios estão entreabertos, assim como os meus. Agora, não consigo parar de intercalar o meu olhar entre os seus olhos e a sua boca convidativa.